



OS PACIFICADORES

Prepare-se para ficar inspirado: nas próximas páginas, você vai conhecer o dia-a-dia de três pessoas comprometidas com a paz mundial. Elas fazem parte da rede de bolsistas que vêm sendo formados todos os anos nos Centros Rotary de Estudos Internacionais da Paz e Resolução de Conflitos. Até o momento, 194 estudantes de todo o mundo concluíram o curso, e outros 130 estão em sala de aula. Responsável pela seleção e pelo patrocínio dos bolsistas, a Fundação Rotária espera que num futuro bem próximo eles estejam ocupando posições estratégicas para a promoção da paz em governos e organizações de todo o mundo, e que possam – cada um à sua maneira – fazer a diferença. Pelo pouco que vai conhecer das histórias de vida, do esforço e dos sonhos desses três alunos, você terá a certeza de que o futuro será melhor para todos nós.





Estudantes da paz

Bolsistas dos Crei são alunos comuns com sonhos especiais

Para conhecer de perto a vida dos alunos dos Crei – Centros Rotary de Estudos Internacionais da Paz e Resolução de Conflitos, a editora sênior da *The Rotarian*, Tiffany Woods, acompanhou a rotina de três deles ao longo de cinco dias. A reportagem foi feita nas Universidades de Duke e da Carolina do Norte, nos EUA, duas das seis instituições de ensino internacionais que abrigam o programa, e mostra um panorama das motivações, planos e da rotina desses bolsistas, dentro e fora das salas de aula.

➔ 11h de quinta-feira, 28 de setembro
“Hoje nós só vamos conversar em árabe. Qualquer outro idioma está proibido nesta sala”, avisa o professor Nasser Isleem, da Universidade da Carolina do Norte, à sua turma de 23 alunos. Logo em seguida, ele começa a entregar as notas das provas semestrais. Aluno do primeiro ano, Shai Tamari marcou 94,5 pontos. “Agora sim, teremos paz no Oriente Médio!”, ele brinca. Judeu

nascido em Jerusalém, Shai vê no estudo do árabe mais uma ferramenta para que ele esteja preparado para colaborar no processo de paz entre israelenses e palestinos. Aluno de história geral com especialização em resolução de conflitos e árabe, ele vem apresentando um bom progresso ao longo do curso.

Um dos melhores amigos de Shai é o seu colega de classe Mohammed Mallah, um palestino que passou a maior parte da vida nos



TOMANDO NOTA: o israelense Shai Tamari está estudando árabe. Ele quer ajudar a resolver o conflito entre Israel e a Palestina. “Comunicação é a chave”, ele diz

EUA. Os dois têm muita coisa em comum, e o humor é a solução que eles encontram para diluir eventuais tensões. Durante um exercício de vocabulário, o professor distribuiu cartazes com palavras e expressões em árabe para que os alunos traduzam e formem frases com elas. A expressão sorteada para Mohammed significa *pare-*

ce. Na hora de ir até o quadro e formar sua frase, ele não pensa duas vezes e escreve: *Shai Tamari parece uma garota maravilhosa*. Os dois amigos seguraram o riso enquanto esperam que o professor leia a frase para a turma. A amizade entre eles é de fato especial. Shai Tamari cresceu numa cultura que o ensinou a se sentir supe-

// **Descobri minha verdadeira paixão. Essa
será a minha maneira de ajudar a mudar
um pequeno pedaço do mundo** //



rior aos palestinos. Quando criança, ele jamais entendeu por que deveria nutrir aquele sentimento. “Achava que não era justo odiar os árabes por um motivo que eu simplesmente desconhecia”, ele recorda.

➡ 16h45 de quinta-feira, 28 de setembro. Uma porção de estudantes, incluindo a holandesa Stephanie Borsboom, aluna do segundo ano, reúnem-se em volta de

uma mesa para ouvir o orientador profissional Frank Webb, que ministra um curso sobre desenvolvimento de capacidades na Universidade de Duke, que fica perto da Universidade da Carolina do Norte. A primeira lição do dia: podemos assumir riscos quando jovens, pois teremos o resto da vida para corrigir qualquer erro. Aos 28 anos, Stephanie sabe o que é assumir riscos: em 2000, ela viajou ao Nepal para fazer um estágio em

seu mestrado de engenharia civil. A princípio, ela apenas construiria uma ponte no Nepal, mas quando experimentou pessoalmente os contrastes entre as condições de vida da próspera Holanda e a pobreza dos nepaleses, Stephanie decidiu mudar os rumos de sua carreira. Depois de voltar ao Nepal diversas vezes, ela fundou uma ONG que financiou a construção de 15 escolas e cerca de 1.000 sanitários em todo o país.

Apesar de tudo isso, Stephanie Borsboom ainda não está satisfeita. Ela quer trabalhar para uma organização internacional que ajude as populações de países em desenvolvimento a satisfazer algumas de suas necessidades básicas, como fornecimento de água, cuidados médicos e educação. É por esse motivo que ela está na Universidade de Duke, estudando políticas de desenvolvimento com especialização em paz e reso-



lução de conflitos. Dessa maneira, ela acredita, seu trabalho de ajuda humanitária poderá ser complementado, pois os conflitos internacionais muitas vezes estão relacionados ao fato de os povos não terem atendidas algumas de suas necessidades mais elementares. "Proporcionar o suprimento de serviços e infra-estrutura é uma forma de diminuir o risco de novas guerras", explica.

➔ 3h de sexta-feira,
29 de setembro

Crisóstomo "Jun" Bas, aluno do primeiro ano, está dormindo no sofá de sua sala de estar com um livro aberto sobre o rosto e outro embaixo do braço. O laptop dele está sobre a mesa do café. Crisóstomo caiu no sono enquanto preparava uma apresentação sobre o conflito pela soberania das Ilhas Spratly, no Mar do Sul da China. Daqui a mais quatro horas, ele será despertado pela mulher, Lynne.

Crisóstomo é major do Exército das Filipinas. Enquanto estavam em seu país, ele, a mulher e os dois filhos moravam numa vila militar e tinham direito a um motorista, dois carros e uma babá. Licenciado de seu posto para estudar nos EUA como bolsista dos Crei, atualmente ele mora com a família num apartamento modesto. Assim como a holandesa Stephanie Borsboom, ele está na Universidade de Duke para estudar política de desenvolvimento internacional com especialização em paz e resolução de conflitos. Seu objetivo é aplicar os conhecimentos adquiridos no Crei para ajudar o exército filipino a implementar novas estratégias de desenvolvimento para o país.

Quase metade de sua vida foi passada no quartel. Em 1986, ele entrou para a Academia Militar das Filipinas, onde formou-se quatro anos depois. No começo de sua carreira, foi transferido para as áreas rurais com a missão de combater os comunistas que queriam derrubar o governo e fazer uma reforma agrária no país. Um dia, depois de uma batalha em que a divisão comandada por ele matou diversos rebeldes, Crisóstomo teve uma experiência que o marcaria para sempre. Durante o trabalho de retirada dos corpos do cenário da batalha, ele começou a passar mal. "Por que estamos fazendo isso?", ele questionou. A resposta não demorou a chegar: Crisóstomo convenceu-se de que estava lutando contra seus próprios compatriotas, seus próprios irmãos.



UMA AUDIÊNCIA atenta assiste à aula de administração de conflitos internacionais do professor Terry Barnett. À direita: parte do prédio do Instituto Terry Sanford de Políticas Públicas, na Universidade de Duke. Abaixo, a partir da esquerda: o filipino Crisóstomo Bas com o filho, Patrick; Stephanie Borsboom em seu apartamento; e Shai Tamari caminhando em frente ao prédio que abriga o escritório do Centro de Estudos Internacionais da Paz e Resolução de Conflitos na Universidade da Carolina do Norte





Anos depois, ele continua no exército, mas hoje cria manuais doutrinários para os militares e acredita que as Forças Armadas de seu país deveriam envolver-se com as comunidades pobres através de ações voltadas ao desenvolvimento sustentável – o que, ele acredita, poderia evitar que novos grupos rebeldes surgissem. Ele diz que, na verdade, atualmente o exército filipino não se limita a conter os insurgentes, mas também a conduzir operações militares de caráter civil com o objetivo de instalar estações de bombeamento de água e construir escolas, por exemplo. Mas esses projetos, ele explica, ainda não estão integrados a todo o processo de planejamento comunitário.

Em outras palavras, o que Crisóstomo Bas espera é que o exército filipino colabore com o processo de desenvolvimento do país. Ele acha que esse papel de assistência às necessidades comunitárias poderá ser feito através da canalização dos recursos obtidos junto às agências de desenvolvimento internacional. Crisóstomo afirma que seus estudos como bolsista dos Centros Rotary irão ajudá-lo a desenvolver as competências necessárias para implementar seus planos. Ele e mais dois colegas já criaram um programa escolar para enviar 16 militares à Universidade das Filipinas para que eles obtenham o mestrado em desenvolvimento comunitário.

“Mas afinal de contas”, pergunto a Crisóstomo, “qual é a motivação que existe por trás de tudo isso?” Ele responde com simplicidade: “Eu só quero fazer a diferença”.



PARA CONTINUAR custeando 120 bolsistas da paz todos os anos, até junho de 2015 a Fundação Rotária precisa arrecadar US\$ 95 milhões para os Centros Rotary. Se você quiser obter informações sobre as formas de colaborar financeiramente com o programa, escreva para <plannedgiving@rotary.org> ou telefone para 847-866-4458 e fale com Eric Schmelling, diretor para doações planejadas ou extraordinárias da Fundação.

➡ 16h de sexta-feira,
29 de setembro

A julgar pela bermuda amarrotada e pela camisa azul desbotada que está usando, ninguém imaginaria que Shai Tamari tem planos de se tornar consultor de resolução de conflitos e assessor do primeiro-ministro palestino, Ismail Haniyeh. O jovem israelense está numa tribuna posicionada de frente para a turma de administração de conflitos internacionais, uma das quatro disciplinas obrigatórias a todos os bolsistas da paz nas universidades de Duke e da Carolina do Norte. A matéria foi planejada especificamente para os alunos dos Crei, mas está aberta a outros estudantes das duas instituições. Shai faz sua apresentação em Power Point, com o auxílio de um laptop, e é assistido por outros 21 alunos. A função deles é concluir se



o colega deveria aconselhar Ismail Haniyeh a convencer o governo palestino sobre a legitimidade do estado de Israel.

Depois de dar uma visão geral sobre o problema, Shai expõe os obstáculos que poderiam influenciar seu raciocínio. “Por ter nascido em Israel, fui criado com uma visão parcial da questão”, ele diz. “Por isso, é importante que eu faça essa apresentação para vocês, que não são judeus”. Criado em Jerusalém, ele não sabia muito sobre os árabes. Na verdade, Shai passava a maior parte do tempo de sua adolescência ocupado com programas de televisão como o seriado “Barrados no Baile”. “Eu só sabia que não deveria me relacionar com eles”, ele conta, lembrando que entre os 12 e os 13 anos chegou a fazer parte de um partido antiárabe.

Aos 18, o jovem israelense ingressou no serviço militar obrigatório. “Eu queria me alistar. Fui para o grupo de pára-quedistas porque eles são considerados uma espécie de elite do exército israelense”, lembra. Mas Shai Tamari custou a se adaptar à nova vida. Filho único, era difícil para ele dividir o quarto com os outros soldados. “Minha antipatia fez de mim um sujeito impopular em toda a unidade”, ele admite. Mas seu desencantamento com a carreira militar acabou vindo de um aspecto bem mais sério: “Eu cheguei à conclusão de que não conseguiria ferir as pessoas. Não tenho a capacidade de enfrentar alguém com uma arma na mão”.

Logo no primeiro mês de alistamento, sua unidade recebeu ordens de guarnecer um posto de controle fora da base. Os soldados foram instruídos a deixar passar todos os veículos. A uma certa altura, surgiu um carro com placa palestina. “Um dos meus colegas caminhou

até o meio da estrada, levantou o rifle e apontou para o motorista”, lembra. “O homem freou, parando a poucos metros do soldado. Nenhum dos dois falou coisa alguma. Meu colega abaixou a arma e autorizou o carro a seguir viagem. Ao voltar para a beira da estrada, ele ria do susto que deu no palestino. O que mais me aborreceu foi o fato de eu não ter feito nada. Eu estava chocado. Até aquele dia, não imaginava que os soldados israelenses abusavam dos palestinos”.

Depois de cumprir os três anos de serviço obrigatório, Shai retornou à vida civil, sem ter muita certeza do que faria dali em diante. Ele acabou se mudando para a Austrália, onde a mãe dele morava, e formou-se em jornalismo. Mas já no meio do curso resolveu mudar seu rumo, e começou a estudar literatura árabe e a tentar compreender, pela primeira vez, a perspectiva de seus vizinhos do Oriente Médio. O jovem israelense concluiu então que o seu desejo era trabalhar pelo fim do conflito entre seu país e os árabes.

Em 2006, Shai concluiu seu mestrado em estudos sobre o Oriente Médio e o Oriente Próximo, feitos na Faculdade de Estudos Orientais e Africanos da Universidade de Londres. “Descobri minha verdadeira paixão”, ele conta. “Essa será a minha maneira de ajudar a mudar um pequeno pedaço do mundo”.

➔ 15h50 de domingo, 1º de outubro

O apartamento de Stephanie Borsboom lembra uma padaria. Ela preparou sua famosa torta de maçã holandesa para levar a um encontro que vai reunir seus colegas de curso. Qualquer um deles é uma feliz testemunha de seus dotes culinários. Eles acham que Stephanie tem



um trabalhão para preparar tudo aquilo, mas na verdade ela apenas abre um pão tipo croissant, adiciona maçã e passas e cobre tudo com açúcar. Enquanto espera para tirar a torta do forno, ela con-

versa com sua colega de quarto, a estudante chinesa Carsyn Gu. “Meu irmão ligou. Disse a ele que estava fazendo torta de maçã, e ele perguntou assustado: ‘Você, na cozinha?’”, diverte-se Stephanie.



QUAL A RECEITA? Stephanie Borsboom mostra à sua companheira de quarto os segredos de suas famosas tortas de maçã. Abaixo, uma parte da biblioteca da bolsista holandesa: livros de Mahatma Gandhi, Nelson Mandela e Jeffrey Sachs

Quando as duas chegam para a reunião com os amigos, encontram Amr El-Gundi, um bolsista pela paz que nasceu no Kuwait. Ele está de jejum por causa do Ramadã, o mês em que os muçulmanos não podem comer desde a hora em que acordam até o pôr-do-sol. Dá pra perceber que o encontro será uma prova de fogo para Amr. Quando vê Stephanie, Fabiola Rueda – uma rotaractiana de Honduras e aluna da Universidade de Duke – vai diretamente ao assunto que mais preocupa a todos naquele domingo: “Então, cadê a torta de maçã?”

➔ 14h30 de segunda-feira, 2 de outubro
“O assunto da aula de hoje será cultura deliberativa”. Stephanie Borsboom escuta essa frase sentada numa cadeira, com o queixo apoiado na mão. Ela e outros dez estudantes, inclusive alguns bolsistas da paz, acomodam-se num semicírculo diante do professor Jürg Steiner, que leciona uma disciplina sobre democracia em sociedades divididas. “Deliberação é um tópico muito complexo”, ele observa. Stephanie inclina-se para a frente e escuta o professor. Durante o intervalo, ele pergunta se ela entendeu uma das tarefas de leitura. A aluna admite que ainda tem dúvidas em relação a alguns tópicos.

➔ 16h30 de segunda-feira, 2 de outubro
A aula de Jürg Steiner terminou. Stephanie Borsboom caminha com os seus colegas bolsistas Ana Salazar Manzur e David Chick até um ponto de ônibus para pegar o trans-

porte especial que os levará a Duke. A estudante holandesa já está pensando nos trabalhos que precisa concluir para a aula de avaliação de despesas públicas, no dia seguinte. Para quarta, outra tarefa, dessa vez sobre a ação dos governos para o desenvolvimento deste novo século. Ela ainda vai ter que arrumar tempo para preparar o esboço do seu projeto do mestrado antes do encontro com seu orientador, na quinta. Enquanto caminham, Stephanie e David debatem um gráfico com dados sobre despesas públicas. Elas estão adiando a tarefa de terça-feira. “O eixo à direita representa as porcentagens, e o da esquerda, o valor do dólar. Você só pode basear uma série no eixo da direita, e mais de uma no da esquerda”. Ainda brilhando sobre elas, o sol começa a espalhar sombras de fim de tarde pelo piso vermelho. As folhas das árvores já estão mudando com a chegada do outono. Com suas mochilas, os estudantes vêm e vão, falando aos celulares ou rindo com os colegas. Outros andam de bicicleta e sentam-se no gramado para ler. Sinais de que mais um dia está chegando ao fim, de que amanhã eles terão um dia a menos de prazo para as provas, mais um livro para ler, um outro relatório para entregar. Significa que eles estão um dia mais perto da formatura – e mais perto de ajudarem a tornar nosso mundo um lugar melhor para se viver. 🌱

Fotos de Monika Lozinska-Lee.

Tradução de Eliseu Visconti Neto.

OS CREI – Centros Rotary de Estudos Internacionais da Paz e Resolução de Conflitos – são um programa de bolsas de estudo da Fundação Rotária que possibilita a alunos de todo o mundo a oportunidade de obter um mestrado em uma das seis universidades filiadas a essa iniciativa, situadas na Argentina, Austrália, EUA, Inglaterra e Japão. Desde que foi lançado, em 2002, o programa já contemplou, em média, 60 bolsistas todos os anos.

OS ALUNOS podem especializar-se em qualquer área relacionada à promoção da paz e à resolução de conflitos, incluindo saneamento básico, nutrição, educação, direitos humanos, desenvolvimento e trabalho social. Fazem parte do currículo obrigatório quatro disciplinas específicas criadas para os Crei (os bolsistas precisam cursar pelo menos duas delas). Além disso, eles devem participar de um estágio ou de um projeto de pesquisa.

OS CANDIDATOS às bolsas devem demonstrar seu engajamento com a paz e a compreensão internacional através de seu trabalho pessoal e comunitário, ou de suas realizações acadêmicas e profissionais. Informações adicionais e formulários sobre os Crei estão disponíveis na seção **Downloads** do site do RI: <www.rotary.org>

Enquanto pede a ajuda de Carsyn para terminar as tortas, ela diz: “Vamos fazer aquela brincadeira da terceirização?” A piada gira em torno de um longo argumento sobre a globalização, como ela expli-

ca em seguida: “Os holandeses estão transferindo suas indústrias para países onde a mão-de-obra é mais barata. É o que eu costumo fazer ao pedir a ajuda de Carsyn para cuidar das tortas”.